A esquerda francesa arrebatou a maioria de Macron | David Broder

30/06/2022

Imagem: Wikimedia Commons

A análise de David Broder, editor da Jacobin Europa, foi escrita logo após as eleições de junho na França. É uma boa entrada para avaliar a nova conjuntura criada com a polarização em três vetores — direita neoliberal (Mácron), esquerda (Mélenchon) e extrema-direita (Le Pen) — em um país central para a evolução das lutas no "velho continente". A unidade da esquerda fez a diferença.

Nas eleições legislativas francesas, a coalizão *NUPES* (*Nova união popular ecológica e social*) de Jean-Luc Mélenchon privou Emmanuel Macron de sua maioria. Agora a luta é para derrotar sua agenda neoliberal no parlamento.

Não era a vitória que Jean-Luc Mélenchon esperava, mas quando os primeiros boletins foram divulgados, seus apoiadores tinham boas razões para comemorar. Emmanuel Macron, presidente reeleito em abril, perdeu o controle do Parlamento, já que seus 246 assentos o deixaram — em mais de quarenta — bem abaixo da maioria na Assembleia Nacional de 577 membros. Em um comício entusiasmado, Mélenchon disse que esta foi uma "derrota total" para o partido do presidente, abrindo caminho para novos desafios à sua autoridade ao longo de seu segundo mandato.

Mélenchon concorreu nessas eleições como líder da Nouvelle Union Populaire Écologique et Sociale (NUPES), uma nova coalizão que une sua France Insoumise com socialistas, verdes, comunistas e outros. Ontem à noite, tornou-se a principal força da oposição, com 141 assentos. A France Insoumise obteve 72 deles, o que representa um aumento de 55, e tantos quanto aqueles que venceram todos os partidos de centro-esquerda combinados no último concurso desse tipo há cinco anos. Entre as vencedoras mais proeminentes está Rachel Kéké, uma camareira de hotel que liderou uma greve de 22 meses e que agora será deputada.

No entanto, o entusiasmo pelos ganhos da NUPES e os contratempos de Macron também tiveram um certo sabor agridoce. Em primeiro lugar, devido à ascensão do Reunião Nacional de extrema-direita (RN) de Marine Le Pen, que ganhou cerca de 89 assentos dos 577 membros da Assembleia Nacional, o número mais alto que já alcançou, e bem acima das previsões das pesquisas. A baixa participação de 46% também foi sombria, um número um pouco maior do que na segunda rodada de 2017, mas continua a frustrar as ambições da NUPES de inspirar não eleitores regulares.

Este resultado é, no entanto, muito melhor do que se poderia esperar há alguns meses. Nos últimos anos, houve uma virada de direita acentuada e generalizada na vida pública francesa, com a generalização de

discursos identitários severos, ministros do governo “liberais” cada vez mais dispostos a demonizar o “islamoesquerdismo” e um crescente autoritarismo policial para enfrentar protestos contra reformas impopulares. Neste clima, o sucesso da France Insoumise foi construir um bloco de oposição amplo e politicamente radical, impondo também sua liderança e seu programa ecossocialista transformador à ampla aliança da esquerda NUPES.

Com a perda da maioria de Macron, a esquerda tem uma oportunidade extraordinária de frustrar seus planos de demolir o estado de bem-estar social e, em vez disso, usar seu segundo mandato para colocar sua própria alternativa na agenda.

Sem maioria

Desde a mudança de cronograma em 2002, as eleições parlamentares foram realizadas entre cinco e sete semanas após as eleições presidenciais, cada vez dando ao vencedor a maioria para cumprir seu mandato. Em abril passado, Macron se tornou o primeiro presidente em duas décadas a alcançar a reeleição, e esperava-se que essas eleições produzissem um resultado semelhante. No entanto, até mesmo sua vitória há dois meses mostrou sinais de sua fraqueza: ele reuniu menos de 28% de apoio no primeiro turno e sua vitória no segundo se deveu mais à rejeição de Le Pen do que a um verdadeiro apoio popular à sua campanha. Os resultados de ontem à noite só confirmaram isso.

Em sua primeira eleição em 2017, Macron disse que uniria “tanto a esquerda quanto a direita” e vários ex-líderes dos socialistas neoliberais ficaram do lado dele. No entanto, depois de um primeiro mandato em que ele se moveu bruscamente para a direita, essas forças moderadas de esquerda pró Macron não são mais um fator na política eleitoral. Mélenchon insistiu ontem à noite que Macron não pode esperar encontrar nenhum apoio da NUPES: “Você não pode superar a divisão conosco: não viemos do mesmo mundo, não temos os mesmos objetivos, não temos os mesmos valores, não acreditamos no mesmo futuro”.

Neste contexto, o presidente poderia tentar contar com Les Républicains (LR), o partido conservador de cujas fileiras ele removeu vários lugares-tenentes, como o ministro do Interior, Gérald Darmanin, e o primeiro-ministro de 2017-2020, Édouard Philippe. No entanto, o líder do LR, Christian Jacob, anunciou ontem à noite que seus 64 deputados permanecerão na oposição. Este partido histórico de centro-direita enfrenta a dura concorrência da RN de Le Pen e parece improvável que ele varra seu destino para um presidente enfraquecido em seu segundo mandato que não poderá concorrer novamente em 2027.

As reformas planejadas, como o aumento da idade de aposentadoria para 65 anos, agora serão muito mais difíceis de implementar para Macron, mesmo assumindo que seu próprio grupo de deputados seja relativamente homogêneo e dócil e que o LR tenha um programa de política econômica semelhante. Essa vulnerabilidade, combinada com pressões mais amplas, como a inflação e as consequências da guerra na Ucrânia, certamente também ajudará as mobilizações sindicais a impedir o avanço do presidente, revivendo os movimentos sociais dos anos anteriores à pandemia.

Frente republicana?

Nos dois turnos dessas eleições, uma série de macronistas confrontados pela esquerda perderam seus assentos. Entre eles, o Ministro da Educação, Jean-Michel Blanquer, um duro crítico do crescente “esquerdismo islamo”, e o ex-ministro do Interior, Christophe Castaner, a quem Mélenchon descreveu ontem à noite como um “éborgneur” (alguém que cega as pessoas), referindo-se aos muitos olhos perdidos pelos manifestantes dos Coletes Amarelos nas mãos de sua polícia. Os apoiadores de Mélenchon também se congratularam com a derrota da Ministra da Ecologia, Amélie de Montchalin, que apareceu nas telas de televisão nas últimas semanas pedindo uma “frente republicana” contra a “extrema esquerda”.

Este termo tem sido historicamente usado para se referir à unidade contra a extrema direita, mas qualquer cordão sanitário desse tipo parece ter sido quebrado, com as forças liberais e gaullistas agora tão hostis à esquerda. A Ipsos estimou que, nos segundos turnos que colocaram a NUPES contra a RN de Le Pen, 72%

dos eleitores macronistas se abstiveram, 16% apoiaram a esquerda e 12% a extrema direita; nessas mesmas disputas, os apoiadores do conservador Les Républicains dividiram 30-12 em favor da RN, com 58% de abstenção.

A França burguesa rejeitou majoritariamente o partido de Le Pen e seu pai por décadas. Mas com o elemento "social" e anti-UE de seu programa consideravelmente diluído nos últimos anos, a extrema direita tornou-se mais aceitável para um conjunto mais amplo de eleitores de direita que procuram uma alternativa ao Les Républicains que está desaparecendo. Depois de atingir 206 segundos turnos, a RN saiu vitoriosa em quase metade delas; na região rica e muito católica do sudeste, Provence-Alpes-Côte d'Azur, ganhou metade dos assentos.

Nas eleições presidenciais de abril, Mélenchon conclamou a seus apoiadores "nenhum voto em Le Pen" no segundo turno. Esta linha foi fortemente condenada pelos apoiadores de Macron há dois meses, que exigiram apoio inequívoco do presidente. Nessas eleições, foi assumido pela maioria dos candidatos da France Insoumise, mas também, inversamente, por muitos macronistas. Com apenas seis exceções, todos os candidatos macronistas derrotados no primeiro turno se recusaram a apoiar a NUPES contra a RN no segundo turno.

O futuro da esquerda

Após o comício noturno dos resultados da NUPES, Mélenchon foi para a rua para conversar com centenas de pessoas, a maioria jovens, que se reuniram do lado de fora. Em um discurso emocional, ele se referiu à retirada de seu papel central; ele não será, como esperado, primeiro-ministro, nem se apresentou novamente como deputado. No período que antecedeu as eleições presidenciais de abril, ele sugeriu que seria sua última campanha desse tipo, mas após o resultado vários aliados-chave sugeriram que outra candidatura ainda estava em perspectiva em 2027.

O que esperar à esquerda? A NUPES foi construída com base nos 22% obtidos por Mélenchon nas eleições presidenciais, e os candidatos verdes, socialistas e comunistas também concorreram com a maior parte de seu programa e com o objetivo explícito de transformá-lo em primeiro-ministro. No entanto, tanto os Verdes quanto os Socialistas obtiveram deputados suficientes para ter seus próprios grupos parlamentares oficiais, e os comunistas podem ser capazes de criar um com forças menores; eles são partidos com uma longa história de conflitos, especialmente no governo local, onde a France Insoumise não pode reivindicar uma hegemonia semelhante.

No entanto, há boas razões para esperar maior volatilidade e maior polarização política. Ontem à noite, foi relatado que os aliados de Macron estão contemplando a possibilidade de dissolver o parlamento dentro de um ano, em uma tentativa de garantir a maioria através da repetição das eleições. Mas as forças que produziram uma esquerda e extrema direita tão fortes, nos resultados de ontem à noite, não serão facilmente devolvidas à sua caixa. Mais uma vez, vimos uma enorme decepção com o governo em exercício, bem como com o processo político como tal. Para a esquerda, a tarefa é transformar esse descontentamento em uma organização duradoura.

Compartilhe nas redes: